

CONCEPÇÕES ACERCA DE ESPAÇOS NÃO FORMAIS

TATIANE RADMANN¹; BRUNO DOS SANTOS PASTORIZA²

¹Universidade Federal de Pelotas – tatytais18@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – bspastoriza@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho origina-se de uma pesquisa que enfoca a cidade como espaço educativo. Essa pesquisa está dividida em três áreas, em que uma delas é o estudo sobre espaços da cidade. Considerando esta um ambiente aberto composto por diversos espaços, sejam eles públicos ou privados, tratamos aqui, com maior ênfase, de apropriações e definições acerca dos espaços não formais, bem como suas características e potencialidades no campo da educação.

O termo *espaços não formais*, tem sido utilizado nos últimos anos por pesquisadores e profissionais que atuam em diversas áreas, sendo uma delas a de divulgação científica, para descrever lugares que possuem características diferentes dos encontrados na escola, onde é possível desenvolver atividades educativas.

Tais ideias emergem de uma compreensão de que, embora a escola seja vista como uma instituição com muitos anos de existência, ela não é o único espaço que permite o aprendizado. Há algum tempo aparecem experiências formativas ocorrendo fora das escolas e para diferentes públicos. Assim, os espaços não formais estão a proporcionar para as escolas alternativas metodológicas que muitas vezes contemplam as carências do espaço escolar, proporcionando saber mais amplo ao indivíduo.

Desta forma, para que esses espaços não formais sejam utilizados de modo a propiciar educação, é necessário conhecê-los, bem como criar condições a uma preparação do educador para a realização das práticas educativas neles. Sendo assim, é possível observar que a educação não formal ainda está se fortalecendo numa articulação com o ambiente escolar, devido ao interesse de professores em explorarem mais espaços além da escola.

Assim, este trabalho tem por objetivo tratar sobre algumas concepções correntes na literatura acerca dos espaços não formais de ensino, buscando a melhor compreensão de conceitos e apropriações das práticas educativas que os caracterizam e, ainda, as relações estabelecidas destes espaços com o ambiente escolar.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido mediante pesquisa bibliográfica realizada no Portal de Periódicos da CAPES, com as palavras chave “cidade” “espaços” e “educação”. Dado o grande número de materiais encontrados nessa busca inicial, esses resultados foram refinados, destacando-se textos somente em português e espanhol, assim como compreendendo um período dos últimos 16 anos (de 2000 a 2016). Para melhor delimitar o corpus, utilizamos somente artigos revisados por pares, dentre esses resultados realizamos a leitura desses materiais e novamente refinamos buscando agrupar as ideias que mais se aproximavam, surgindo alguns grupos de textos.

Tais refinamentos nos possibilitaram trabalhar com um dos conjuntos de textos que tratam de espaços não formais de educação, obtendo um total de 92 produções, que foram novamente refinadas através de uma leitura completa dos

textos para selecionar aqueles que mais se aproximavam do objetivo da pesquisa, buscando enfatizar os modos como se discutem, definem e analisam os espaços não formais e as práticas educativas dedicadas a eles.

Dos processos de refinamento, restaram 46 produções, que foram analisadas em termos qualitativos a respeito das definições e entendimentos acerca do que são os espaços não formais, e que são discutidos neste texto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisando o conjunto de textos relacionados a espaços não formais de educação, foi possível identificar discussões voltadas para diferentes modos de conceituar esses espaços.

Tratando de espaços, precisamos entender que existem aqueles formais, informais e não formais, e que esse conjunto pode caracterizar a cidade, que é considerada um espaço livre. A possibilidade de investigação e produção desses espaços assumem a cidade como um espaço aberto, ou seja, como um espaço diverso, plural e de acesso livre, a partir do qual e com o qual todos os cidadãos têm o direito de usufruir, criar e reinventar, assim como o dever de compreender, explorar e preservar (TRILLA, 1999; GOMES, 2014; HARVEY, 2014)

Para educação formal, “o formal é o que assim definem, em cada país e cada momento, as leis e outras disposições administrativas – desde os estudos universitários, com a seus diferentes níveis e variantes” (TRILLA, et al., 2003, p. 29-28), JACOBUCCI (2008, p. 56.) traz que:

O espaço formal é o espaço escolar, que está relacionado às instituições escolares da educação básica e do ensino superior, definidas na lei 9394/96 de diretrizes e bases da Educação Nacional. É a escola com todas as suas dependências: salas de aula, laboratórios, quadras de esporte, biblioteca, pátio, etc.

Podemos assim dizer que a educação formal é aquela regrada e acontece em ambientes institucionalizados. Já para tratarmos sobre educação informal TRILLA (1999, p 205-206) define “a aqueles processos educativos que se produzem sem especificação e diferenças de outros processos sociais, que não foram institucionalizados nem sistematizados”.

Sendo colocado que espaço formal é a escola e o informal aquele não sistematizado em nenhuma dimensão educacional, busca-se compreender o espaço não formal e os modos como é compreendido, diferenciado e utilizado.

Com base nas análises realizadas, a maioria dos autores dialogam sobre as concepções desse espaço caracterizando ele como não institucionalizado e que possui características diferentes da escola, ainda que nele sejam articulados elementos educacionais. TRILLA (1999, p 205-206) define educação não formal como,

Conjunto de processos, meios e instituições específica e diferenciadamente desenhados em função de explícitos objetivos de formação ou de instrução, que não são diretamente dirigidos ao alcance dos graus próprios do sistema de educação regrado.

Pondo essa definição, percebemos que ela apresenta um espaço não limitado à instituição escolar e que busca atingir um objetivo característico diferente do que esta busca. Para isso, pode-se contar com a utilização de pedagogias alternativas, não diretivas, centradas não só no conteúdo, mas no educando também. Por uma perspectiva diferente, mas complementar, Rocha e Fachín (2010), Queiroz (2011) e García (1999) apontam que os espaços não formais são aqueles que têm por objetivo maior despertar curiosidades, possibilitar situações investigadoras, gerar perguntas que proporcionem a evolução do estudante e não somente dar respostas às questões que são

colocadas pelo ensino formal, mas contemplando objetivos educacionais impostos na grade curricular. Queiroz (2011) afirma que a educação não formal utilizada em espaços públicos tem características próprias e diferenciadas da educação formal que é posta nas escolas. García (1999, p. 94) define educação não formal como “atividades e programas organizados fora do sistema escolar, mas destinados a atingir objetivos educacionais definidos”. De forma geral, os espaços não formais contam com ferramentas e maneiras de ensinar atrativas e didáticas, ampliando as formas de educar.

A análise dessas definições, representativas dos textos analisados, indica a relação entre um processo educacional que mobiliza outros tipos de práticas, diferentes daquelas da Escola Básica, mas ainda associadas a elementos e objetivos educacionais.

A partir dessas definições, é possível ver que elas são operadas a partir de dois grandes grupos de espaços que podem ser tomados como *não formais*: instituições, incluídos os museus, jardins botânicos, zoológicos entre outros, e espaços não institucionais, assumidos como teatros, parques, ruas, praças dentre outros inúmeros espaços.

No campo de nosso estudo, pautado no Ensino de Ciências, concordamos com FREITAS et al. (1999, p. 4), que consideram:

[...] a educação não formal e os espaços não formais de Educação em Ciências, como Museus, centros de Ciências e Tecnologias e outros, como meios importantes no seu contributo na promoção e ensino de Ciências, utiliza-se recursos de elevação do nível educacional

Um dos espaços não formais mais presente na análise dos textos foi o museu, caracterizado um espaço amplo tanto em ambiente quanto em conhecimento. Esses espaços possuem grandes potencialidades quando utilizados como práticas educativas voltadas aos indivíduos que o utilizarão. Nesses espaços pode-se abranger diversas áreas buscando intercalar com os conteúdos vistos nos espaços formais das escolas. Para isso é importante que o professor/mediador tome conhecimento do espaço não formal, investigando quais potencialidades ele apresenta.

4. CONCLUSÕES

No estudo realizado, observamos que grande parte do material analisado obteve enfoque em espaços não formais como aqueles que possuem características diferentes da escola, bem como se utilizam de outras práticas educativas para o avanço do conhecimento de cada indivíduo. Esses espaços, conjuntamente com essas práticas, nos motivam para compreender quais as atividades educativas são desenvolvidas pelos autores estudados.

Além disso, para um próximo passo, nossa pesquisa se propõe a desenvolver algumas práticas educativas em espaços não formais de nossa vivência, proporcionando aprendizagem em conjunto com escolas de Educação Básica na intensão de utilizar a cidade como ambiente que se vive e se aprende concomitantemente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPES. Fonte: **Portal de periódicos da Capes**. Acessado em abril de 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br>
- FREITAS, M. Os museus e o ensino de ciências. *Comunicar Ciência*, v. 3, p. 1-7, 1999.
- GARCÍA, B., A, **La exposición. Un medio de comunicación**. Editorial Akal, Madrid, 1999.
- GOMES, E. X. Intermittências da educação de crianças: escolarização do social e interrupção do escolar. **Revista Interações**, Lisboa, v. 10, n. 29, p. 145-170, 2014.
- HARVEY, D. *Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: **Martins Fontes**, 2014.
- JACOBucci, D. F. Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista Em Extensão**. V.7, p. 55-66, 2008.
- QUEIROZ, R. T. A caracterização dos espaços não formais de educação científica para o ensino de ciências. **Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, p. 12-23, 2011.
- ROCHA, S. ;FACHÍN-TERÁN, A. **O uso de espaços não formais como estratégias para o ensino de ciências**. Manaus, Escola Normal Superior, (PPGEECA), 2010.
- TRILLA, J. A educación non formal e a cidade educadora: dúas perspectivas (unha analítica e outra globalizadora) do universo da educación. **Revista Galega de Ensino**, Galicia, v. 24, n. Especial, p. 199-221, set. 1999.
- TRILLA, J. GROS, B. LOPES, F. ;MARTÍN, M. J. **La educación fuera de la escuela. Ámbitos nos formales y educación social**. Barcelona: Ariel educación, 2013.